

Investimento em educação deve chegar a R\$ 43 bilhões

25 - 09 - 96

ESTADO DE SÃO PAULO

Dado Sant'Anna/AE - 26/7/95

ESTADO DE SÃO PAULO

Previsão é do ministro
Paulo Renato, que
apresentará dados sobre o
setor em Genebra

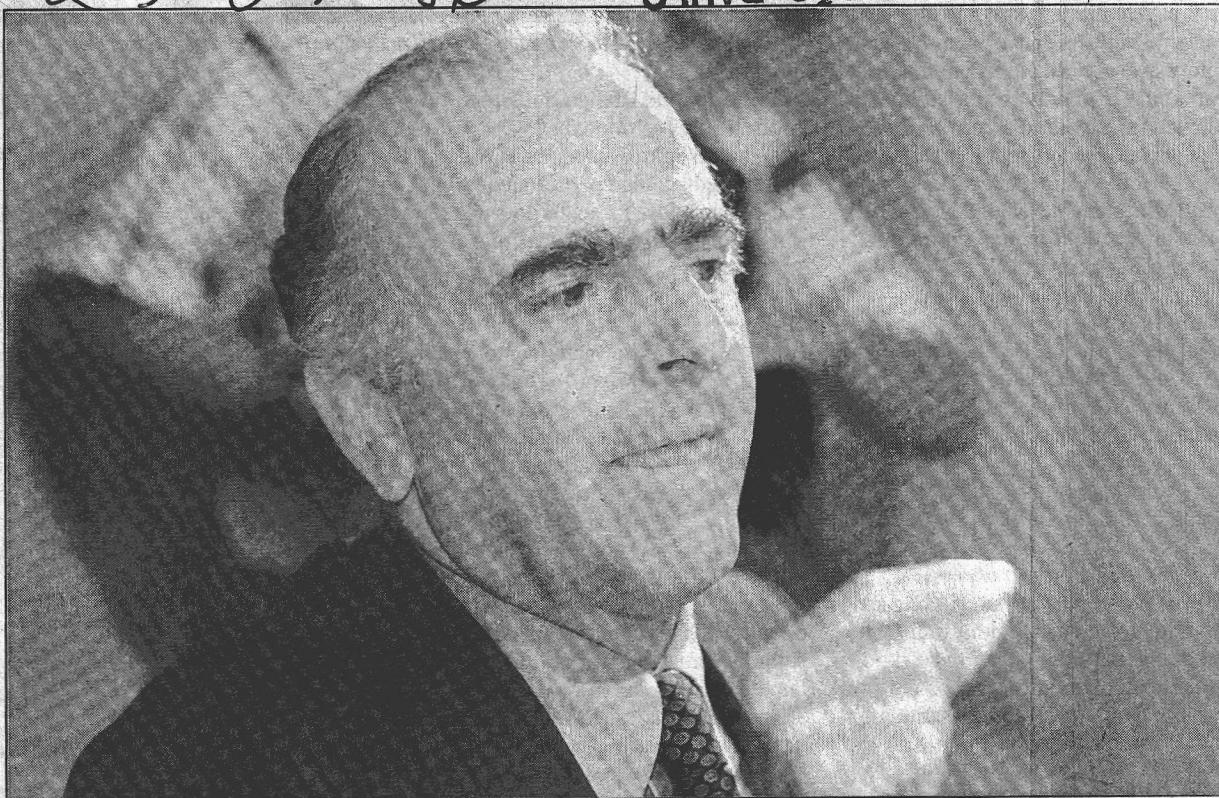
SÓNIA CRISTINA SILVA

BRASÍLIA — Os investimentos públicos e privados com a educação no Brasil poderão chegar, em 1997, a 6% do Produto Interno Bruto (cerca de R\$ 43 bilhões), porcentual superior ao dos demais países da América Latina e próximo do que é destinado hoje ao setor pelos países de Primeiro Mundo. Este é o balanço que o ministro Paulo Renato Souza vai apresentar segunda-feira, em Genebra, na Suíça, na Conferência Internacional sobre Educação da Unesco.

Em 1995, com um PIB de R\$ 630 bilhões, os setores público e privado totalizaram aplicações de R\$ 34 bilhões. "Este ano, devemos chegar próximo dos 6% de participação no PIB, consolidando o porcentual no próximo ano", disse ontem o ministro ao apresentar o documento Desenvolvimento da Educação — Relatório Nacional do Brasil, que indica um panorama otimista em relação ao setor e inclui as últimas reformas na educação.

Em Genebra, Paulo Renato explicará a criação do fundo pelo qual Estados e municípios devem aplicar 15% de suas arrecadações no ensino de 1^a a 8^a séries. Os demais países da América Latina, segundo ele, aplicam entre 4,5% e 5% do PIB na educação. "Vamos ver os números dos países em Genebra, mas estamos bem", observou.

O tema da conferência este ano será



Ministro Paulo Renato: panorama otimista e previsão de aplicação de recursos da ordem de 6% do PIB

o professor. Em algumas regiões brasileiras, como o Nordeste, os números são desfavoráveis. Muitos municípios pagam até R\$ 15,00 a uma professora. O ministro espera reverter esse quadro negativo apresentando o projeto, já sancionado, que prevê a aplicação de 60% dos recursos do Fundo de Desenvolvimento do Ensino Fundamental nos salários dos professores. Paulo Renato espera elevar o salário médio mensal do professor para R\$ 300,00, no próximo ano.

O Brasil mostrará, também, em Genebra, que houve melhorias nos índices de evasão e repetência escolar. A taxa de promoção de uma série para outra do 1º grau, por exemplo, subiu de 55%, em 1984, para 62%, em 1992. As taxas médias de repetência e evasão caíram para 33% e 5%, respectivamente, em 1992. O ministro admitiu, entretanto, que os índices ainda são altos e reduzi-los é um desafio. Noventa por cento das crianças entre 7 e 14 anos entram na escola, mas apenas 51% dos que in-

gressam na 1^a série do 1º grau conseguem passar para a seguinte sem repetir o ano. Chega-se a levar mais de 11 anos para conclusão das oito séries do ensino fundamental.

A queda da evasão já causou reflexos no ensino médio. Em 1994, o número de matrículas iniciais no 2º grau chegou a 5 milhões, 1 milhão a mais do que o verificado em 1991. "Levando em conta nossa população, o fato é que deveríamos ter o dobro de alunos no 2º grau", explicou Paulo Renato.